

Apontamentos sobre a Família da [Tia Maria](#)

I

Nasci no dia 1 Abril de 1878, pelas 8 horas da manhã e segundo ouvi dizer, num lindo dia de sol. O meu nascimento causou a maior alegria em toda a família, pois da minha geração só havia varões. Meus pais tinham dois filhos e a minha avó, seis netos. O meu pai ([Fernando Augusto de Andrade Pimentel e Melo](#), nasceu em Penacova a 16-9-1836 e morreu em Coimbra, a 7-11-1892) era então, [Governador Civil em Coimbra](#) e recebeu muitas felicitações. Baptizei-me em grande pompa no dia 29 do mesmo mês, data em que uma das minhas tias, irmã da minha Mãe, fazia anos. A escolha da Madrinha foi uma grande complicação mas acabaram por resolver como devia ser, optando pela [irmã mais velha da minha Mãe](#) que me pôs o horrível nome de Maria Amália, que era o seu e também o da minha [Avó materna](#). Para não haver confusões com tantas Amálias, chamaram-me desde o princípio, Maria e Maria fiquei para toda a minha vida. O Sr. Reitor da Sé Catedral, onde me fui baptizar por ser a nossa freguesia * , era grande amigo do meu Pai, para lhe agradecer, preparou uma surpresa para quando eu chegasse à Igreja. Era dia da procissão do Senhor aos (.....), onde ia sempre grande quantidade de anjos e o Sr. Reitor pediu às famílias das crianças para os deixarem na Igreja depois da procissão e com salvas cheias de flores esperaram a minha chegada (.....).

- * [A Avó](#) mostrou-me onde era a casa do seu [Avó Melo](#) em Coimbra. A casa ainda existe e é uma bela casa, perto da Sé.
- Vou mandando-te por capítulos, todos os dias.

II

[Meu Pai](#) era muito estimado por onde andasse e muito querido. A sua inteligência superior e a sua disposição que nunca o abandonava faziam dele uma pessoa cativante. Os doentes adoravam-no pois nunca lhes faltava um palavra de esperança ou uma graça para os fazer rir. Tanto ele como [a minha Mãe](#), eram grandes (....) , andavam sempre na última moda e muito distintos. A nossa casa era muito feliz. Nos meus primeiros 4 anos, passei grandes temporadas em casa [da minha Avó Materna](#) pois andava sempre com a minha [Tia Delfina](#). (.....) certamente em S. Miguel ora em Coimbra com meus pais. A casa de S. Miguel era enorme. (....) [Avó](#) quando (....) fez as obras, viveu em [Bordeiros](#) onde os meus tios mais velhos ainda nasceram, depois é que veio de todo para S. Miguel. Não sei como foi casar à Andorinha nem como conheceu [minha Avó Amália](#). Sei (....) que a sua primeira ideia era casar com uma irmã, desta que se chamava [Júlia](#) mas ela tinha tendência para o madrimónio (?) e preferiu ficar na sua casa na Beira. A Casa de S. Miguel era rodeada de (...) propriedades que se induziam a perder de vista. Também tinham matas de sobreiros e pinhais. Eram riquíssimos, pois dos dois lados havia fortuna. Lagares de azeite contavam 12, uns por S. Miguel e seu (...) e outros na Beira.

(...) 24 , também rebanhos de cabras e principalmente ovelhas, em S. Miguel e Andorinha.

III

Meu Avô materno ([José Ferreira de Matos](#)) era formado em Direito mas não fazia uso da sua formatura. Particularmente e por favor, não ganhando nunca nem um real, quando alguém se ia aconselhar, ouvia-o. Depois chamava a outra parte e ouvia-a também. Estudava o caso sossegadamente e quando (...) bem esclarecida (...) explicava, fazia-os compreender de que lado estava a razão e acabava por conciliá-los. Como era muito recto (...) todos sentiam confiança no que ele dizia. Na casa de S. Miguel há uma sala que ficou sempre chamada, a sala das conciliações. Ele, meu Avô, apesar de rico era muito trabalhador e gozava de um jeito para os negócios. Comercia em azeite, aguardente e principalmente cera em (...) e em velas que se fabricavam lá em casa. Morreu muito novo, dizem por engano de um remédio mas isto ficou sempre em segredo e talvez bastante duvidoso, por isso mesmo. A pessoa que parece ter trocado o remédio, fê-lo sem maldade e por isso abafaram o caso. Isto passou-se enquanto a minha Avó ([Maria Amália de Sousa Abranches Brandão](#)), muito cansada por noites perdidas, foi sossegar um bocadinho. Mal diria Ela. Ficou com oito filhos, o mais pequeno um pouco mais de um ano. Cinco rapazes e três raparigas. Os mais velhos estavam no Porto no colégio da Formiga, mas depois da morte do Pai não quiseram estudar mais e mesmo apesar de crianças sempre, ajudavam a Mãe. O nome dos seus filhos por ordem de idade era : [Maria Amália](#), [António](#), [José António](#), [Delfina](#), [Daniel](#) (a quem chamavam sempre Costa por causa do primo Daniel de Matos que estava quase de permanência em casa da minha Avó por ser parente com poucos meios e ainda afilhado da minha tia Maria Amália) , [Júlia](#) e [António Eduardo](#), para todos só Eduardo.

[O meu Avô](#) era muito activo e os seus negócios obrigavam a andar de um lado para o outro, sempre a cavalo com o seu criado. Naquele tempo era o meio de transporte mais usual por falta de estradas. E, assim, a cavalo ia muitas vezes ao Porto e dela trazia vestidos para a minha Avó e filhas e roupas para os rapazes. Tinha muito bom gosto, queria ver a família muito bem (...) e que nada lhe faltasse. Quando os dois filhos mais velhos andavam no Formiga, ia visitá-los e levava-lhes muitos mimos, procurando consolá-los por estarem longe dos seus e das comodidades da sua casa. Era um exemplar chefe de família. Como o negócio das velas fazia muitos lucros, não só pelas vendas no País mas ainda com as que iam para Espanha pois os espanhóis naquele tempo, poucas fabricavam. Vinham de lá almocreves com grandes machos, buscá-las e era divertimento para a gente nova ver aqueles homens com um vestuário diferente e os animais com vistosos arreios. Além disso, os almocreves mais assíduos, traziam lembranças às meninas. Entre elas, sapatos de linho com flores bordadas a ponto de cadeia, sola de corda e fitas para atar pela perna acima. Chamavam a esses sapatos " chifuidos ". O meu rabinho ainda conheceu pelo menos um, bem rijo. Quando fazia das minhas (...) apanhava com ele, mas de tudo isso falarei a seu tempo.

IV

Ainda não descrevi a casa de S. Miguel e embora seja difícil, vou tentar fazê-lo na minha prosa manca. Nos baixos havia o grande armazém do azeite com pias enormes, tendo de subir por uma escadinha para se alcançar a abertura. Havia além do armazém outras lojas mais pequenas sempre prensas numa habitação de aldeia. No primeiro andar com frente para a rua e onde era a entrada principal, havia três grandes salas seguidas, sendo uma delas a tal das conciliações que era também escritório. Esta não tinha porta para o corredor mas para o patamar da escada principal, formada por dois lanços, muito larga e de pedra com resguardos de ferro forjado. Do outro lado do corredor, em frente da sala do meio, havia a sala de jantar, espaçosa com uma enorme mesa para comer. Aos cantos de cada lado da porta que lhe dava acesso, grandes cantoneiras com a parte de cima, envidraçada, onde se guardavam pratas e boas loiças. E, na parte de baixo, fazendo armários para marmelada, doces de conserva, etc.. Nem todo o arranjo, que devia durar todo o ano e era para (...) família e hóspedes, cabia somente lá. Punha-se lá o que precisava estar mais á mão. Também não faltavam as latas que se enchiam de belíssimos bolos e , comprimento da casa, mas a certa altura tinha uma porta que separava a cozinha e outras dependências da parte das salas. A cozinha caberia hoje numa casa completa. Era vasta com o chão em pedra e uma chaminé formidável. Debaixo dela, num banco junto á parede, sentavam-se á vontade sete pessoas. Quando se matavam porcos, ficavam dentro dela, uma parreira de chouriças varias, paios, etc.. Isto ainda no meu tempo. Depois da tal porta no corredor e antes de chegar à porta da cozinha, havia uma divisão onde comiam os criados e que se chamava a " casa dos moços ". Tinha entrada por uma escada de pedra que partia de um dos pátios além da porta do corredor. Porém, eles não precisavam de a utilizar desta. Em frente da cozinha, havia outra dependência de onde havia uma escada para o andar superior. Tinha também uma mesa que servia as refeições de pessoas de menor representação, assim como às crianças. Comi lá muitos caldinhos de pombo. Todos me tratavam com o maior mimo e todos os cuidados. Isto já se sabe, depois de muitos anos da época que tenho estado a escrever. No andar de cima eram os quartos, bastante numerosos e grandes. O quarto das meninas, minha Mãe e tias não tinham porta para o corredor. Para de lá saírem ou entrarem eram obrigadas a passar pelo quarto de dormir e de vestir dos meus Pais e ainda a porta de comunicação tinha uns buraquinhos (ainda no meu tempo existiam) por onde a Mãe lhes falava e vigiava.

Este andar tinha também um corredor, ao centro com o debaixo. Por ele ficavam os quartos dos meus tios e ao (...) uma divisão muito grande com cinco ou seis camas para os amigos que eles convidavam e que eram sempre numerosos. O quarto de hóspedes de cerimónia ficava para a primeira sala, em baixo. Tinha entrada por ela e uma janela para a rua, a mobília, bonita. A parte de trás da casa tinha o tal pátio a todo o comprimento mas pela altura da escada para a casa dos moços, era dividido para nesse lado andarem as galinhas, patos, gansos, marrecos (?), (...), enfim um mundo de galináceos.

Pelo meio dela, ficava uma levada muito engraçada. Havia a seguir, uma grande eira para secar o milho, feito daquela pedra avermelhada, própria da região. Subia-se para ela por uns três degraus, também da mesma pedra. Ao cimo da eira era o lavadouro a toda a largura com água corrente. E, pedra todo o comprimento para esfregar a roupa de forma que muitas mulheres podiam lavar ali, ao mesmo tempo, mas claro, isto era só da casa. Acima do lavadouro, havia um jardim muito apetitoso com boas sombras e frescura no verão. Não faltava também o pombal, espaço que parecia uma pequena casa. Andava-se por lá por dentro e era preciso subir a uma escada de mão para apanhar os borrachos, coitadinhos, mas comi muitos.

A frente da casa dava para a rua, onde se encontrava a entrada principal. Mas além desta entrada, havia uma outra por um grande portão, sendo a que habitualmente servia. Entrava-se por um pátio e subia-se para uma varanda para onde (...) a porta do corredor. Nesta varanda era o celeiro enorme. Para se poder andar lá dentro, à volta dele e ir abrir as janelas sem pisar o milho, tinha uma espécie de corredor que também servia para o milho não chegar às paredes. Ao lado do celeiro, era a casa de fazer as velas com um lareira onde havia um grande caldeirão de cobre para derreter a cera. Depois explicarei como se faziam as velas. A seguir a esta divisão era o quarto do sapateiro e do alfaiate que (...) todo o ano trabalhavam lá. Todas estas divisões davam para a varanda. Na parede entre a porta da entrada e o quarto acima mencionado (...) uma grande mesa onde se rolavam as velas e que o alfaiate também aproveitava para talhar a sua obra. Ainda no meu tempo , enquanto a Avó viveu, continuou sempre a haver mestres daqueles ofícios lá em casa. Trabalhavam na varanda quando havia bom tempo, em caso contrário, iam para uma saleta logo á entrada do corredor onde também comiam, assim como qualquer criado que vinha de passagem com os seus patrões. Nesta casa também havia um quarto para esses criados que dormiam o que quase sempre surgia. Tinha uma janela para a varanda com grades, já se vê porque era. (...) que ficava mesmo por cima da tal mesa de rolar as velas. A varanda começava ao cimo das escadas que vinham do pátio e fazia ligação a um passadiço, de pedra e cal e que atravessava a rua e conduzia ao coro da Capela. Era tapado por cima e dos lados, mas nestes havia duas grandes aberturas, um redondo por onde se via a rua para o lado de cima e para o lado de baixo. **A Capela era dedicada a S. José, nome do Avô**. Simples mas bonita e espaçosa, com porta para a rua. Em frente desta (...) e nesse largo é que se abria o tal portão de serventia vulgar.

V

Fazendo ângulo recto com a Capela era o muro de outro pátio bem com um largo portão (...) do que acabei de mencionar. Ali eram os currais dos bois, cavaliças, quartos dos criados da lavoura, palheiros, telheiros para guardar alfaias agrícolas. Deste pátio passava-se as propriedades também por um largo portão. A um canto do pátio ficava uma casinha para guardar da cera de noite, quando andava a cozer e comunicava com a eira destinada só a esse fim. Era toda de (...) e como a cera em geral, tinha o seu telheiro. A cera quando

estendida e quase corada era muito linda, parecia neve. Ainda vi alguma embora em quantidades menor do que se via no tempo do meu Avó que quando ficou viúva , acabou com os negócios, mas no da cera foi muito roubada por um empregado que auxiliava o marido. Como conhecia tudo melhor do que a dona, foi chamando a si quanto pode. Em pouco tempo verificou-se a olhos vistos e fez-se um senhor importante. Só em casa, ficaram de mal com ele, como é natural. Não menciono o nome por haverem pessoas descendentes que não tiveram para aí nem prego nem estopo como se costuma dizer-se. A eira da cera a que atrás me refiro, já ficava em frente da casa grande, portanto do lado oposto da rua. A seguir à eira estendia-se um bom laranjal com uma porta para a rua e no fim dele um jardim que fazia as delicias da [minha Tia Delfina](#). (...). Ainda ao lado e a todo o comprimento do jardim havia um tanque muito agradável e que ficava ali muito bem. Isto tudo era fronteiro ao prédio da habitação mas vedada por um muro alto corrente com a rua. Esta era bastante larga e boa, foi mandada fazer pelo meu Avô e toda ela corria dentro do que lhe pertencia. A casa da cera, laranjal e jardim, tinham também um muro, não muito alto para o lado de dentro para os separar dos lameiros (?) Estes eram lindas propriedades atravessados por uma ribeira. Terminavam num monte, que era da casa, coberto de formosos sobreiros. Este sobreiral que acompanhava por um lado as propriedades era muito grande. Tudo aquilo era encantador, tenho muitas saudades.

VI

Num cabeçozinho, era uma casa, ficava os currais das cabras e das ovelhas, separadas já se sabe e também o quarto de dormir dos pastores. Como eram dois homens e dois zagalos (?) , alternavam-se, vindo dois dormir a casa e ficavam do outro , dois com dois enormes, belos cães da Serra da Estrela. Naquele sítio, estava o engenho do linho. Não faltava nada e tudo em grandeza e talvez por isso que me parece, agora tudo pequeno. Tenho de voltar agora ao pátio de trás da casa, pois bastante me ficou por dizer. O acesso para ele era pelo pátio da frente que tinha portão para a rua. Por ali pendiam (andavam) os carros de bois, cavalgadas, enfim todas as coisas próprias de uma casa de lavoura, passando por baixo da varanda e do quarto do alfaiate e sapateiro. À esquerda, de quem entrava, formava-se um largo ao fundo do qual havia um vasto telheiro onde se guardava lenha e onde os criados a rachavam quando chovia. Quando fazia bom tempo, faziam-no fora.

Numa das extremidades do telheiro era a serventia para a colossal adega que foi teatro de algumas façanhas de meus irmãos e meus primos que contarei. Muito larga e comprida, tinha dos lados grandes tonéis, pipas e (...).

Era a seguir ao arco do passadiço e formava um lado da (...) porta para lá. A entrada era como já disse por baixo do telheiro. Quando em Gerez de la Fronteira, viajei à afamada bodega Pedro Dominguez, não fiquei surpreendida como muita gente porque a adega de S. Miguel não lhe ficava inferior.

A descrição da habitação e seus (arranjos) já vai muito longa mas ainda para terminar, direi mais umas linhas, sobre uma varanda que havia ao topo do corredor para o lado da cozinha. Nunca vi nenhuma de igual feitio. Era

rectangular, andava-se em toda a volta. Muito larga, coberta mas no canto havia um grande quadrado descoberto. Por baixo da varanda, em várias divisões, dormiam os porcos e o espaço central, também dividido, era-lhes deixado para apanharem sol e espreguiçarem. Os cuidados com a limpeza eram enormes. Mas mesmo a casa, não tinha janelas para a ali, apenas a porta ao cimo do corredor para comunicação. Em frente desta porta do lado oposto era a casa do forno por onde se descia por uma escada dentro da própria casa. Dois fornos, um muito grande pois vulgarmente coziavam dez alqueires de milho por semana, nunca menos e outro mais pequeno para os assados, bolos de gamela (?) de amassar. Tinha tal comprimento que um homem alto, podia perfeitamente deitar-se. Tinha ainda uma saída para o pátio das galinhas, perto da eira do milho.

Esta narrativa, deixa muito a desejar, mas é coisa difícil de descrever numa habitação tão vasta e tão complicada por dependências várias. Como atrás digo, quando o Avô faleceu, a minha Avó não quis negócios. Bastava-lhe a direcção da sua casa e a educação dos seus filhos. Tinha 16 criados e criadas, fora o pessoal a dias, duas juntas de bois, muitas ovelhas, cabras, coelhos e toda a sorte de galináceos e também houve pavões mas acabaram-se com eles por voarem por cima dos telhados e com o peso quebravam as telhas constantemente.

De tudo isto me lembro, pois quando a Avó faleceu a vida se modificou, já tinha sete anos (1885) mais ou menos, no Maio daquela azafama. Esqueceu-me dizer que do pátio das galinhas se passava para uma propriedade que chamavam a " quinta do norte " e dela para outro pomar das laranjeiras e outras frutas. Eram pegados e murados em toda a volta, passando-lhes ao lado o caminho por onde se fazia todo o movimento da Beira, era a entrada daqueles tempos. A estrada nova de (...) que depois construíram, passa-lhe pouco (...) . A casa de Habitação era rodeada de propriedades nossas, pela frente, pela parte de trás e lados. A água, abundantíssima e muito boa, sobretudo a chamada de fraga que caía de uma rocha, era propriedade dos Avós e tinham lá um lagar de Azeite muito afamado e por isso, farta concorrência.

Ao terminar a descrição da Casa de S. Miguel, tenho a dizer que não se podia chamar uma casa bonita nem tinha pretensões a ar de palácio. Era simplesmente uma casa grande de pessoas abastadas. Os meus Avós e seus filhos eram muito respeitados e altamente queridos por aqueles sítios, pois embora sendo os principais da sua terra, a todos estimavam, acolhiam e auxiliavam quando precisavam. A sua fortuna, permitia-lhes fazerem muito bem à sua volta e meu Avô, melhorou mesmo muito à sua custa a terra em que viveu.

VII

Minha Avó depois da morte do marido que a enormemente a afectou como é de crer, continuou as tradições, mantendo o mesmo pé de vida que juntos haviam criado. A sua responsabilidade era enorme, não só para dirigir e governar os seus bens, mas ainda para educar o seu rancho de filhos. Tinha de ir muitas

vezes à Beira ver as suas coisas, aproveitando também essas viagens para visitar os seus parentes que eram numerosos e se contavam entre as famílias fidalgas daquela região. Saíam de S. Miguel todos a cavalo. Os dois pequenos, à frente dos dois mais velhos, sempre rabugentos e indignados por quererem cavalos também para si. Havia três, [António](#), [Delfina](#) e [Costa](#), ainda bastante miúdos que lá se (...) nas suas montadas. Os fatos, roupas e calçado iam pelas (...), dias antes da partida dos senhores, mas com estes seguiam dois ou três criados, com cestas à cabeça e que levavam além dessas coisas que podiam ser precisas de repente, um soberbo farnel para saborearem durante a jornada. Esta era longa apesar das estradas velhas cortarem sempre sem desvios o que não acontecia com as novas, cheias de voltas e reviravoltas. Tinham de descansar em casa ou de parentes mas não me recorde aonde e aqui só descreverei o que conservo na memória. Iam na Beira para casa dos [Senhores da Bobadela](#) onde se demoravam uns dias. Estas senhoras eram primas direitas da minha Avó Amália, bastante mais velhas do que ela e por isso os meus tios e minha Mãe, as tratavam por tias e os que eram afillhados por madrinhas. As fidalgas da Bobadela, tinham muita presunção e justamente da sua fidalguia. Eram três, [D. Maria Francisca](#), [D. Maria Delfina](#) e [D. Maria Teresa](#), e, quando falavam umas com as outras diziam sempre ? Ó dona mana, D. Maria Francisca ou mana D. Maria Delfina. E assim todas as três se tratavam. A D. Maria Francisca e a D. Maria Delfina eram respectivamente, madrinhas do [meu tio António](#) e da [minha tia Delfina](#) e a eles deixaram os seus bens e parte da casa da habitação. A terceira senhora é que deixou a uma afillhada, não me recorde o nome, o que foi uma pena porque a ela ficaram a sala de jantar, as cozinhas e uma linda varanda. Tudo isto existe agora em mãos de estranhos, dividido e estragado. A parte principal, é hoje da minha sobrinha, [Maria Fernanda de Melo Beirão](#) que anda a restaurar, visto que desabitada como tem estado, desde a morte das senhoras e pelo mau trato dos feitores, se encontra interiormente bastante deteriorada.

Havia uma sala forrada a damasco vermelho de que se não se encontra vestígios e pinturas, que teriam hoje grande merecimento. Foram por aqueles vândalos muito prejudicadas. Voltando à família da Bobadela, as senhoras tinham mais dois irmãos, os quais para estarem mais independentes, viviam em Avô com uma tia que lhes governava a casa e (...). Chamavam-se [Bernardo](#) e [Daniel da Costa Godinho](#), eram muito amigos e andavam sempre juntos. Foram estudar para Coimbra. O tio Bernardo formou-se em Direito e o tio Daniel que era mais novo, quando o irmão se formou, parou no 4º ano, não quis voltar para Coimbra sozinho. Tinham também os seus aposentos em casadas suas irmãs, na Bobadela de quem eram muito amigos e visitavam assiduamente por largas temporadas. Estes cinco irmãos, morreram todos muito velhinhos, o tio Bernardo andava por último numa cadeira de rodas.

Quando das Invasões dos Franceses, a Bobadela sofreu grandes estragos, principalmente nas casas mais ricas. As das senhoras Godinho (as nossas parentes foi não só saqueada mas queimada. Teve de ser reconstruída de novo e comprado móveis, loiças, roupas, tudo enfim. Os habitantes da terra fugiram para diferentes lugares. As três senhoras (tinham que ser muito novas), com várias pessoas entre elas as freiras da Vila Pouca, foram para o cimo dum monte muito alto, chamado Culeorinho ? e daí viram arder a sua casa. Imagine-

se a sua aflição. Antes ainda puderam esconder as suas pratas, num esconderijo que havia num corredor, metido na parede. Tirava-se o fundo dum armário e havia um grande vão para onde transportaram a sua valiosa baixela. Mas o calor do incêndio derreteu tudo e em vez dos açucareiros, bules, saleiros, etc., encontraram um uniforme bloco de prata que mandaram depois para o Porto, para fazer novas coisas. Isto já se vê, quando o país entro em sossego. Esqueceu-me de perguntar à minha tia se as paredes tiveram de ser reconstruídas, por isso não sei se as que lá estão hoje as antigas ou foram feitas de novo, após as invasões. As pratas que fizeram no Porto, algumas ficaram à tal herdeira da tia Teresa e ainda um quinto para o meu padrinho Costa que deixou a outros herdeiros seus, que não sei o caminho que tiveram. Entre elas últimas, lembro-me bem de um par de serpentinas, lindíssimas que serviam na mesa de jantar. [O tio Bernardo](#) (chamemos-lhes tios pois assim eram conhecidos em toda a família) era padrinho do [meu padrinho Costa](#), mas como achava o seu nome muito feio, pôs-lhe o nome do [irmão Daniel](#) e assim ficou [Daniel da Costa Godinho](#). Era o único filho da minha Avó que assinava Costa, isto para fazer a vontade ao Tio Bernardo. Todos os outros usavam Sousa. O tio deixou a fortuna ao afilhado. Mas também queria contemplar os filhos da sua prima Maria Amália, minha Avó. Não o pode fazer porque um parente, também primo como ela, meteu-se na casa de Avô com um criado e guardaram-no e não o deixaram testar, senão como o seu guardião quis e lhe conveyo. Chamava-se (aqui está rasurado. Dá ideia que mais tarde preferiu omitir o nome). Casou mais tarde com (também rasurado, posteriormente). (...) A cada deles, parece que em tempos pertenceu à Família Real e que de vez enquanto iam para ali as Princesas a refazer-se naqueles bons ares. Daí lhe veio o nome de Senhora Maria das Donas. Do passado, ainda conserva uma linda janela onde as Senhoras Infantas passavam os seus lazeres. A filha do (novamente omite o nome) chamava-se **Beatriz Godinho**. Tinha uma filha e um filho, perdi-os de vista.

Santa Maria das Donas, é numa região muito bonita, perto do Fundão e também fica pouquíssimo a aldeia (?) onde nasceu João Franco (Ministro do Reino de D. Carlos).

Algumas pessoas, aconselharam, minha Avó a consultar o testamento do Tio (deixa o nome em branco) por ser forçado a fazê-lo contrariamente à sua vontade, mas a senhora viúva (refere-se á sua Avó), com um rancho de filhos, receou meter-se naqueles trabalhos, gastar imenso dinheiro e perder a questão. Assim perdeu-se para os da casa de S. Miguel, uma boa maquia.

A minha Avó quando ia à Bobadela (...) até Andorinha. O meu Bisavô era [António Godinho Abranches Brandão](#), Comendador da Ordem de Cristo e Familiar do Santo Ofício, como meus outros antepassados. Passei horas muito agradáveis, na Torre do Tombo com minha prima, [Maria Teresa de Vilhena Cabral Godinho](#), casada com o meu primo, [António Godinho](#), consultando os processos que eram exigidos para serem nomeados para aquele cargo, pois tinham de provar, (....) dos principais da sua terra e não lhes correr nas veias sangue da infecta nação. Assim pude colher informações sobre a linha directa da família. Fui bastante longe e mais pesquisei em vista dos processos, já muito antigos se estarem a desfazer e ser proibido facultá-los por esse

motivo. Já alguns que tive nas mãos se encontravam bastante deteriorados e era preciso manuseá-los com o maior cuidado.

VIII

Em Andorinha, vivia também a [Tia Maria Júlia](#), irmã da Avó Amália. Eram ambas muito bonitas, com olhos azuis e cabelos loiros, ondeados. A casa de Andorinha tinha **brasão** mas nunca consegui saber qual. Disse-me [o tio Antonino](#) que quando fizeram obras na casa, o apearam e se serviram dele ao consertar uma parede. Que barbaridade, Santo Deus.

O meu bisavô também podia usar o brasão de família do Santo Ofício, mas segundo disse o tio Antonino, não se importava com isso. Era um fidalgo que não descia do seu lugar. Quer andasse a pé com a sua bengala, quer andasse a cavalo, trazia sempre atrás de si, a não sei quantos passos de distância, o seu criado. Este também andava a pé ou a cavalo, conforme o seu amo. Usava rabinho à moda do tempo que o criado tinha de pentear. Estas coisas foram-me contadas por meu tio Antonino quando eu ia à Andorinha.

As meninas, [minha tia](#) e [minha Avó](#), tinham em casa a sua mestra e lá ficou um quarto sempre conhecido pelo quarto da senhora mestra. A casa como a conheci, não sei se era assim no tempo [do bisavô](#), era muito simpática, uma casa verdadeiramente à antiga portuguesa. A entrada principal fazia-se por uma escada de pedra larga, não muito alta que conduzia a uma varanda, com colunas de pedra, coberta e a toda a largura da morada. No extremo desfrutava-se um larguíssimo horizonte e duma beleza encantadora. Avistava-se da Serra da Estrela ao Caramulo, dúzias e dúzias de povoações, capelinhas no cimo dos montes (.....) grandes rebanhos de ovelhas com os seus pastores e cães.. Era lindo Andorinha. Fica num alto, no vale passa o rio Ceia, afluente do Mondego. E, em frente no outro monte, levanta-se a povoação do Ervedal onde os **Viscondes** do mesmo nome, nossos parentes habitavam.

Voltemos a descrever a morada da minha gente. Entrava-se para um pátio grande. No lado que ficava em frente da casa, havia uma outra, baixa, onde se fazia o vinho e noutra divisão, o curral das ovelhas que era bastante vasto. Ao lado disto, havia uma entrada e fazendo ângulo recto, portanto num dos lados do pátio, erguia-se mais uma casa, chamada sempre a " casa do tio capitão " por ter nesta morado um tio capitão, mas disto não sei pormenores nenhuns. A seguir, em cima de um grande penedo, tão vulgares na Beira Alta, ficava a casa do tear. No outro lado do pátio, estava então a habitação dos Senhores Fidalgos. Como já digo acima, subia-se por uma escada de pedra para uma varanda e ao meio da casa abria-se a porta principal. Entrava-se para uma sala, seguida de uma outra e para qualquer delas, ficava um quarto destinado as visitas. A segunda sala era a de mais cerimónia. Nela havia uma porta para o corredor que seguia depois pelo resto da casa. Do outro lado, quartos e a última divisão, a sala de jantar. Em frente desta a cozinha e depois havia um quarto onde se fazia o queijo, um quarto de costura e mais uma divisão pequena que tinha saída por uma escada de pedra para o pátio que era vulgarmente usada. A cozinha tinha uma grande chaminé, não tão grande

como a de S. Miguel, e uma divisão, espécie de dispensa onde também se amassava a broa e fazia-se o requeijão.

Havia bois, cavalos, coelhos e a costumada família galinácea. Enfim nada faltava. Esquecia-me dos porcos. No tempo da minha Avó, vinham para S. Miguel, desmanchados em cestas à cabeça de (...). Lembro-me perfeitamente da chegada dessas mulheres e de por vezes trazerem também queijos, galinhas, etc.. Isto vinha da Andorinha e no tempo do meu bisavô mandava saquinhas de pele, cheias de peças de ouro escondidas dentro dos sacos com batatas.

O **João Brandão** que nessa altura por lá andava, nunca deixou que qualquer criado das nossas casas fosse assaltado. Levavam um bilhete ou uma carta e em mostrando algumas coisas, podiam seguir tranquilos que nenhum mal lhes acontecia. O João Brandão era amigo dos Senhores da Bobadela e de Andorinha porque eles, quando ele andava fugido e tinha fome e não tinha dinheiro, pois nunca roubava nada, faziam-lhe chegar comida com fartura, não só para um dia mas para mais tempo. Escrevia umas linhas a dizer onde estava e logo ia um carregamento. Quando deixou de andar a monte e antes disso também, frequentava as melhores casas da Beira. Contava meu Pai que uma das vezes que o encontrou em casa de um Visconde de que não me lembro do nome, por ocasião dum baile, tivera de dormir no mesmo quarto. No dia seguinte, perguntaram-lhe todos se dormira e não sentira medo que o homem o matasse. Isto por brincadeira, já se vê, pois sabiam que nada havia de temer. O meu Pai era até amigo, ele contribuiu muito para o meu Pai ganhar algumas eleições, dispunha de enorme votação e para onde pendesse, era certo candidato ser eleito (sobre este assunto, um dia, gostaria de escrever alguns pormenores interessantes – nota de Miguel Beirão).

Mas voltemos a S. Miguel. A minha Avó, além das idas à Beira, quando podia fugia às suas visitas a parentes ou pessoas amigas, em geral com a filha [Maria Delfina](#). A [Maria Amália](#) como mais velha já ficava a olhar pela casa e a [Júlia](#) (minha Mãe) era muito pequena. Ia a Foz de Arouce a casa da **D. Luísa Furtado** e a Lorvão, ao Convento onde estavam **umas tias ou irmãos do marido**, não sei bem, à (...) da **família Figueiredo e Queiroz** e mais ainda outros lados. Aquelas senhoras quando foram para o Convento, levaram boa riqueza, só de pratas, foram dois machos carregados. Tudo de quanto elas se serviam era de prata, bacia de cama, bacia de pés, talheres, copos, pratos, enfim tudo, mas se elas morressem, voltava tudo para a família. A minha Avó herdou-lhes a criada que fez de sua governante. (houve vários roubos no Convento de Lorvão, com a extinção das Ordens Religiosas - nota de Miguel Beirão). Fazia doces primorosos, licores e bons petiscos de mesa. Rosas, sabia uma infinidade e não faltavam na capela novenas a todos os santos, via-sacra, principalmente na Quaresma e variadas devoções. A minha Avó era muito religiosa e tinha na capelinha missa diária, excepto aos domingos em que ia com todos os filhos e criados à Igreja Matriz. Dizia ela que era para dar o exemplo. Ainda fui algumas vezes no rancho, mas já nesse tempo muito diminuído. Alguns filhos tinham morrido e outros encontravam-se ausentes. Os criados é que se encontravam a fazer números. O Capelão era o corregedor da freguesia e ao mesmo tempo, mestre escola, pelo que lhe chamavam o Sr. Padre Mestre. A missa era bastante cedo para o pessoal disponível poder

assistir. Minha Avó nunca faltava, lá tinha o seu cantinho no coro e não dispensava que os filhos assistissem, sendo em pequenos como em grandes, quando estavam em casa. O coro tinha uma escada de comunicação para a sacristia e daí para a capela que estava sempre muito bem arranjada e com as melhores flores do jardim.

IX

A filha, [Maria Delfina](#) era bastante sossegada, outro tanto não sucedendo ao [Daniel \(Costa \)](#) e à [Júlia](#). O [Eduardo](#) era muito teimoso.

À casa de S. Miguel não faltavam hóspedes, mesmo depois da morte do meu Avô. Era por ali o caminho para a Beira Alta, de forma que parentes, amigos, conhecidos e até às vezes desconhecidos que pediam para ficar dias com os seus criados e montadas. Uns muito assíduos que quando lhes (...) apareciam também de propósito, só para visita, eram os primos **Viscondes de Sargedo** (?), os **primos Freires, do Brasil** e ainda os **primos Freires Lobo** (?) de **Gramação** (?). Estes são o que me recordo porque a minha tia Delfina falava em muito mais gente. A **D. Luísa Furtado** quando passava de Coja para Foz de Arouce também lá descansava. Devia ser bem difícil governar aquela ménage, mas como havia muito dinheiro tudo corria às mil maravilhas.

A Sr.^a D. Maria Amália (sua avó) ia com toda a família a banhos para a Figueira da Foz. Ficava a governanta em S. Miguel. Era uma caravana, pois ainda levava parentes que não tinham posses. Iam até Louredo (?) em carros de bois, os filhos mais velhos em cavalos que depois mandavam para casa e ali embarcavam todos seguindo o Mondego abaixo. As poucas casas que naquele tempo havia para alugar eram desmobiladas. Imagine-se o que seria levar camas, roupas, loiças, enfim tudo o que era preciso para aquela gente toda. Os senhores iam numa barca mais pequena e os criados e a tralha, numa barca serrana das grandes. Que pena isto não ser no meu tempo ! Chegavam a Montemor-o-Velho, desembarcavam os criados para tratar do jantar que já ia feito de casa. Comiam e depois aconchegavam-se para pernoitar. Era assim que se viajava naquele tempo por falta de estradas. Mesmo de Coimbra iam de barco pois levavam tudo consigo. A minha Avó tinha gente conhecida em Montemor, em casa de quem podia ficar com as filhas mas não queria abandonar as coisas que levava e muito menos os criados. Gastava nestas saídas um dinheirão. Dizia que abria a bolsa toda ao descer o primeiro degrau da escada e só a fechava quando à volta, subia o último. Fazamos ideia do que aquilo seria. O regresso seguia-se da mesma forma.

A família de meu pai e ele também iam para a Figueira. A família Figueiredo e Queiroz davam-se muito com a de S. Miguel. Eram muito amigas e bastante vizinhas pois a Boiça, Fonte Longa, Poiares e Penacova, ficava tudo muito perto. Os Figueiredo habitavam por estes quatro pontos.

Quando os meus tios [Antonino](#) e [Costa](#), chegaram à idade de estudar foram para Coimbra com o irmão [José](#) que precisava de aperfeiçoar os estudos mas nenhum deles tinha grande queda para as letras. O que gostava ainda assim de trabalhar mais alguma coisa e chegou quase ao fim do liceu foi o meu tio Antonino mas por falta de saúde teve de desistir.

Logo que houve estrada de Coimbra até S. Miguel, a avó comprou (...) e os meninos tinham-no a maior parte do tempo ao seu serviço. Era uma pândega para eles e para os amigos. Os cavalos também davam cavalaria e chamavam-se, um, Brasileiro e outro Clarim. Mais tarde o meu tio [Eduardo](#) foi para a companhia dos irmãos. Mas os que se associavam mais eram o Antonino e o Costa que foram sempre muito amigos até à morte. Em questão de estudos é que o primeiro destes dois era melhor que o segundo. O padrinho não abria um livro em chegando o tempo da pesca. Havia num quintal ao lado, uma grande árvore a que chamavam a " árvore do Dória ", onde costumava poisar um mocho. Quando este começava a piar, não sei em que época do ano, o rapazinho arrumava a fonte da ciência, pegava no anzol e lá ia de abalada para o rio. Os meus tios tinham muitos amigos, davam-se muito com o **Conde da Esperança** que era também adepto da pesca, com o **Conde de Casal Ribeiro**, com o **Filomeno da Câmara**, depois lente de medicina e com os parentes da Beira (**Visconde do Serzedo, Freires**, etc,). As três meninas de S. Miguel iam com a Mãe, muitas vezes a Coimbra, às festas dos estudantes, ao teatro, às procissões que eram numerosas e para tudo que os irmãos as desafiavam. Lá convenciam a Mãe que sempre as acompanhava. Eram muito admiradas. Ricas, janotas e bonitas, não admirava nada. A mais bonita de todas dizem ter sido a minha madrinha, [tia Maria Amália](#), a mais vistosa, [a minha Mãe](#), branca, rosada, cabelos claros e olhos azuis. A menos bonita sem ser feia, era a [tia Delfina](#). O pai quando era vivo, trazia-lhes do Porto o que elas precisavam, depois passaram a mandar vir de Lisboa, pois daqueles sítios andava por lá vária gente.

Meus tios quando iam para férias, levavam sempre muitos amigos. Alguns de longe de Coimbra, não podiam ir para suas casas nas férias mais pequenas. As jornadas que tinham que fazer a cavalo, tomariam lhes os dias todos. Mas minha avó não se importava, gostava de ver os filhos divertidos e alegres. Os rapazes que eram caçadores, entretinham-se a caçar. Na casa não faltavam espingardas e havia sempre cães dos melhores. Os outros, entretinham-se a pescar e principalmente a dançar. Além das meninas da casa, apareciam as [meninas da Vendinha](#), [muito parentes de meu pai](#) que sempre era das (...). Como já disse a família dele com a de S. Miguel era muito unida. As tais meninas da Vendinha, enchiam uma casa pela quantidade e alegria. Sabiam muitas modas, danças de roda e jogos de prendas, o que naquela época não deixava de ser muito apreciado. O **Dr. Filomeno da Câmara**, então estudante, era do grupo dos caçadores. Muitas vezes, mais tarde, me falava nos deliciosos dias que dizia ter passado naquela acolhedora casa e dos bons petiscos que comeu.

X

Chegou-se á fase dos casamentos. [Meu Pai](#) quase formado em Medicina, enamorou-se de [minha Mãe](#) e combinou-se o casamento para quando entrasse como lente para a Universidade de Coimbra. Ela tinha 14 anos e ele 27 (engraçado, hoje seria considerado pedofilia). Toda a família gostou e o [meu Avô, Dr. Fernando](#), ficou doido de alegria pois tinha grande predilecção por

aquela linda menina. Ela embora noiva continuava a ser a mesma criança e como tal lhe sucediam várias peripécias. Um dia, chegaram para as três irmãs, vestidos de Lisboa. Abriu-se a caixa e a noivazinha quis logo vestir dos que mais lhe agradou e ninguém a convenceu que era uma tolice. Pôs-se de ponto em branco. O vestido era de um tecido fininho, transparente às risquinhas beije e encarnadas, enfeitados com lacinhos desta mesma cor. Muito entusiasmada saiu em direção ao quintal do norte mas quando atravessava o pátio das galinhas, veio de lá um peru furioso, talvez como os toiros ao ver o vermelho, saltou-lhe e com as unhas, deixou-lhe a frente do vestido em fanicos. Resultou daqui, um vale de lágrimas e embora a Mãe e as irmãs lhe dessem um arranjo, nunca mais ficou como era.

Minha tia, [Maria Amália](#), apesar de bons partidos que lhe apareceram, como sua tia, [Maria Júlia de Sousa Godinho de Abranches Brandão](#), de Andorinha, nunca quis casar. Dizia que os homens eram muito impertinentes e difíceis de aturar (origem do Movimento da Libertação da Mulher em Portugal. Está morta mas fiquei-lhe com um pó). A irmã, [Maria Delfina](#) a quem em nova também não lhe faltaram muitos bons casamentos, pois as famílias com quem se davam eram de boa estirpe, veio a casar-se depois dos 40 anos com um indivíduo de boa posição. Era Juiz de 1ª classe mas muito plebeu. Isto desgostou a família ao máximo. Foi casar-se a Bordeiro, visto aí possuir propriedades que lhe ficaram em legítima por morte do Pai. Mas ninguém de casa a acompanhou e nunca mais se deram uns com os outros, a não ser [minha Mãe](#) que embora não fosse ao casamento, como era muito amiga desta irmã, não deixou de se corresponder com ela e mais tarde de a visitar.

Como isto se passou depois da minha Mãe casada e nós nascidos, tenho de voltar muito para traz. Vou portanto, referir-me aos outros irmãos.

[O António](#), quando homem foi para a Andorinha tomar conta da casa da Mãe ([minha avó](#)). Ali perto, havia e há um lugarzinho chamado, Santo Amaro onde habitava um médico do partido de Midões com duas irmãs, todos os três, solteiros. Como tinham numerosa família, lá pela serra, quiseram, suponho eu, mandar vir dois sobrinhos, um rapaz e uma rapariga, para lhes fazer companhia e educarem. O rapaz foi para Coimbra formar-se em Medicina e mais tarde ficou a exercer clínica no lugar do tio que se chamava, [Abílio Gomes da Costa](#). A menina, de nome [Beatriz de Almeida Costa](#), aprendeu o que lhe ensinaram e soube sem precisar de mestra, conquistar o meu tio António e com ele casou. Viviam ora em Santo Amaro, ora em S. Miguel mas pouco estiveram casados pois meu tio morreu novo com uma doença de estômago, deixando dois filhos pequenos. O mais velho, [António](#), teria dois anos e o [Antonino](#) (?) ainda hoje vivo, felizmente, de poucos meses. Contavam e ele ainda hoje conta que era amamentado por uma cabra. Punham-no na varanda numa cestinha (isto passava-se em S. Miguel em casa da minha Avó) , acordava, começava a chorar e a cabra que andava no quintal do norte a pastar, apenas o ouvia, partia como um foguete e só parava para lhe dar de mamar. Que cabra tão inteligente e amorosa ! Mais adiante falarei dos meus primos com os quais me dei sempre muito bem.

Antes dos filhos e a filha Júlia se casarem, iam muitas vezes à Beira onde havia festas e animados bailes. Em Mouronho (?), perto de (...) em casa de uma **família Odimot** (não sei como se escreve – comentário da Tia Maria), havia uma animação que os Godinho recordaram toda a vida. Minha Mãe imensas vezes falava no quanto lá se divertia. Os tios Godinho eram muito pândegos, alegres e alguns tanto (?) conquistadores. Como eram bonitos e rapazes desempenados, não faltava quem lhes desse atenção, às rapariguinhas do povo perdiam a cabeça. Quando apareciam às Portas da Meda (?), povoação perto da Pampilhosa do Botão, onde tinham uma casa, o Prior dizia: Acautelei-os, vós pais de família, chegaram os senhores Godinho à Ponte da Mata.

Meu tio José quando esteve em Coimbra, enamorou-se duma menina que nessa altura se encontrava a educar no colégio Ursulinas (?). Havia no Jardim Botânico, um sítio por certo ignorado das freiras, donde os rapazes avistavam as educandas quando elas na cerca gozavam o seu recreio. E assim o José Godinho enamorava a que depois foi sua mulher. Ela era interessante, tipo inglês, branca, rosada, loira, enfim muito vistosa. Também não lhe faltava o ser vaidosa, arrebitava-se extraordinariamente, isto durante toda a vida a ponto de na velhice se tomar ridícula e se prestar à troça. Chamava-se Maria Angélica de Chardonnay, filha dum marquês inglês, mas não sei o que esses marqueses, pois a mãe ainda viveu muitos anos depois de viúva, vieram fazer para Portugal. O que sei, é ter tido toda a família um grande desgosto com tal casamento de que não resultou felicidade para meu tio. Casaram na Capela de S. Miguel, no mesmo dia em que se casou minha mãe, tendo por isso partilhado da linda festa que esta teve. As duas noivas iam muito bonitas, sobretudo a minha mãe com os seus dezassete anos, dizem que estava encantadora no seu vestido branco de noiva. Os noivos também haviam de fazer boa figura. O José Godinho era bonito rapaz, meu pai, Dr. Fernando de Mello, distinto e elegante, parecia sempre bem em toda a parte. O seu casamento com minha mãe, foi do máximo agrado das duas famílias que muito se estimavam e queriam. Meu Avô, de Penacova (Fernando António de Andrade Pimentel e Melo, 1790-1868) tinha uma tal adoração pela nora como se fosse filha e era tão amigo daquela família Godinho que por fim, lá vivia quase sempre em S. Miguel em casa da minha avó.

Meu pai tencionava de casar, só depois de ter entrado como lente para a Universidade mas não pode realizar esse desejo. Quando se preparava para o acto grande, ficou mal dos pulmões, teve de deixar os estudos e ir para a ilha da Madeira, onde teve óptimos resultados. Quando de lá veio, casou-se logo e já depois de casado é que fez o tal acto grande. Já tinha tomado capelo antes de adoecer. Na ilha da Madeira, conquistou as maiores amizades, convivendo com as principais pessoas da ilha. Quando veio, ofereceram-lhe um álbum madeirense cheio, tendo um dos lados um F.M. (Fernando de Mello).

O pai (de Fernando António Pimentel e Melo) queria muito que o filho fosse para padre, dava-lhe até uma pequena mesada para o resolver a entrar para o seminário, mas não conseguiu. Lesionava e trabalhando, conseguiu o que desejava. Quando tomou capelo, meu avô foi assistir. - Então meu pai, agora está contente? Perguntou-lhe. Este respondeu-lhe – Estou, mas mais estaria se o capelo fosse branco. Havia então na Universidade de Coimbra a

Faculdade de Teologia e os capelos eram brancos, isso acabou com a República. Mas voltando ao que estava a contar da estadia na Madeira, o álbum está completamente cheio de retratos, alguns de lindas e elegantes senhoras. Ia um grupo de meu pai com o Rev. Bispo do Funchal, seu grande amigo. Até morrer nunca deixou de lhe enviar pelo Natal, uma caixa de 24 garrafas do precioso vinho da Madeira.

Ficou o casal (meus pais) a viver em Coimbra e na sua companhia, [meu tio Eduardo que se formou depois em Direito](#). O outro par que se casou ao mesmo tempo, meu tio José com a Maria Angélica Chardomay, instalou-se em casa da minha avó, mas ninguém gostava nem se entendia com ela. Já o marido muito doente, parece-me que morreu com qualquer coisa do fígado, ainda ela passava as horas ao espelho a pôr laçarotes. Não sei se já era nascida, se era, seria tão pequena que de nada me lembro, o que sei, foi de ouvir falar muitas vezes com a maior indignação, claro.

XII

Nesse tempo, ainda viviam na Casa de S. Miguel, além da [minha Avó](#), os filhos, [Antonino](#), [Maria Amália](#), [Delfina](#) e [Costa](#). O [Eduardo](#), só nas férias e [os meus pais](#) quando lhes era possível davam até lá um saltinho de que muito gostavam. O casal [José](#) e [Maria Angelina](#), tiveram dois filhos, [José](#) e o [António](#), mas nenhum deles estudou nem fizeram boa figura na vida.

Quando a mãe enviuvou, foi com os rapazes viver para Coimbra. Ela não ia a S. Miguel mas os dois rapazes apareciam nas férias a visitar a avó. Também ia bastante, enquanto a filha lá viveu como depois, a **Chardonnay** (Marquesa). Esta era muito lambareira e quando passavam ao jantar (...) e lhe perguntavam se estava doente, respondia: no só espera coisa mior, tim lidon, tim lidom. Nunca aprendeu a falar português nem mesmo depois de bastante idosa, casar (ou casou) com o [pai do Dr. Daniel de Matos](#) que estava viúvo.

Quem também aparecia muito em casa da [Sr.^a D. Maria Amália](#) (avó da tia Maria) e passava grandes temporadas era meu avô de Penacova, [Dr. Fernando António de Andrade Pimentel e Mello](#). Ele era pelo pai, **Figueiredo e Queiroz** mas não sei qual o motivo que o levou a usar só o nome da mãe e [meu pai fez o mesmo](#). Meu avô teve outro filho, também [Fernando](#) que morreu muito novo, ainda estudante e uma filha chamada [Joaquina Emília de Mello Figueiredo Queiroz](#). Só ela assinava Figueiredo e Queiroz e tem graça que veio mais tarde a casar com [um primo direito](#) que tinha esses mesmos apelidos. Meu avô seguia a magistratura, tendo estado delegado na Lousã mas como não precisava deixou a carreira para poder ir para onde lhe apetecia.

A [minha tia Joaquina](#) casada com o seu primo, [Dr. José Ferreira Seco de Figueiredo e Queiroz](#), ficou a viver em Penacova onde o marido se colocou como Recebedor da Comarca. Ela era muito engraçada e espirituosa e ele, muito inteligente. Foi muitas vezes, deputado, também advogava e como tinha o dom da palavra, quando advogava uma causa ia muita gente ao tribunal para o ouvir falar. Ainda o conheci muito bem e gostava imenso dele. Alto, cabelo loiro, olhos azuis, podia chamar-se um bonito homem. A mulher também tinha

um bom ar, não era bonita, mas simpática. Andava sempre muito bem arranjada, vestia de Lisboa. O irmão tinha muitas vezes de lhe mandar de lá mil coisas que ela lhe encomendava.

[Meu pai](#), mesmo em estudante foi sempre muito (...) à política e pouco depois de formado, elegeram-no logo deputado e assim sucedeu muitas e muitas vezes. Só no tempo do Fontes P. Mello, foi uns nove anos a seguir (seguidos). Depois de casado, minha mãe ia sempre que podia com ele e nessas fases vinha [a tia Delfina](#), tomar conta da nossa casa. Quando minha mãe tinha 18 anos e meio, 18 meses depois de casada, nasceu em S. Miguel, [meu irmão mais velho](#), baptizado na capela da casa. Foram padrinhos a avó [Maria Amália](#) e o avô, [Dr. Fernando de Penacova](#). Este porém, fez uma condição, que o afilhado usaria os apelidos, [Perdigão e Figueiredo](#). Minha mãe não queria por forma alguma mas lá a levaram a aceitar o Figueiredo, agora o Perdigão é que não. Dizia ela “ Perdigão que perdeu a pena, não há mal que lhe não venha “. Esse nome ao neto é que não. O presente do avô ao neto foi a **Quinta da Boiça** que fazia parte do vínculo de sua casa e lá se conformou que o Perdigão fosse excluído.

Meus pais viviam muito bem, ambos possuíam alguns bens e meu pai ganhava como lente e muito mais com a sua clínica que se ia tornando cada vez mais avultada. Tinham o seu carro, uma Vitoria, a sua parelha, cocheiro e (...) que era ao mesmo tempo criado de mesa. Tudo muito bem montado. Quando íamos para a Figueira, só levávamos os cavalos para montar pois tanto meu pai como minha mãe, montavam muito bem. Ouvi sempre dizer que era o par mais elegante que aparecia, tanto pelo seu todo como pelo trajar. Não estou a escrever isto por vaidade, é para transmitir com verdade o que me contaram e que ainda presenciei, pois quando me tocou a infelicidade de perder meu querido pai, já tinha os meus 15 anos.

Meus pais quando casaram ficaram a viver em Coimbra, na casa que era da minha avó e onde meus tios estiveram quando estudantes. Essa casa, do séc. XVII, pertencia ao [Barreto](#), avô da minha prima [Laura Cortês](#) e foi parar à posse do [meu avô de S. Miguel](#) em liquidação de uma dívida, desse tal senhor que teve uma grande fortuna mas devorou a maior parte. Quando lhe faltava dinheiro para pagar o que devia, ia saldando com bens. E assim ficou sem a Quinta das Canas em Coimbra, sem um palacete para os lados de Laveiro, sem a linda [quinta da capela](#) em Góis, etc..

Não sei bem como foi a meninice do [meu irmão Fernando](#), apenas estou ao facto que lhe deram mimos até mais não e bons presentes. Até um poney lhe deram de carne e osso. Quando ele (poney) era mais pequenino e apanhava o portão para a rua aberto, saía, vinha de volta pelo beco, entrava pela porta do jardim e aparecia na sala de jantar. Era um tormento para ele se resolver a sair, chamava-se yô-yô. Quando [meu irmão Henrique](#) nasceu, 5 anos depois do Fernando, ia este passar tempos a casa dos tios a Penacova que tinham por ele uma predilecção especial e assim ficava minha mãe com o seu tempo mais livre para desempenhar o muito que lhe restava fazer, Além de ser uma excelente dona de casa a posição de meu pai na política, obrigava-a a muita representação social além de inúmeras maçadas. O tempo que lhe tomavam as visitas dos compadres com os meninos para livrar de soldados mais coisas que pretendiam era assustador. Meu pai que não tinha um minuto disponível, passava para ela todas essas maçadas a que eu mais tarde ajudaria com certa paciência. Além disso, havia as visitas a receber e a pagar, jantares a dar,

hospedes em casa, enfim uma engrenagem sem descanso. E os eleitores com as suas pretensões ?! Isso então era de fugir. Mas tanto estes como os compadres sobretudo, levavam os seus presentes, alguns engraçados. A mim por exemplo, quando eu tinha 5 anos, um compadre dos lados de Penacova, deu-me dois chapéus iguaizinhos e levou-os dentro de um grande lenço encarnado

XIII

Para aliviar um pouco minha Mãe, nesta complicada vida. Ia como já disse [meu irmão Fernando](#) estar em Penacova mas também ia muito para S. Miguel, pois os filhos de sua filha [Júlia](#) tiveram sempre um lugar especial no coração da [avó](#). Ali era como nossa casa fosse também. Os tios de Penacova, por seu lado, adoravam aquele sobrinho e tudo faziam para o seu bem-estar. Contava a criada Conceição que esteve 60 anos connosco, mas que naquela altura era criada de meus tios que eles nem queriam que o menino pusesse os pés no chão quando chovia quando tinha se sair á rua. Ela então com os seus 16 anos é que levava o Fernando ao colo para a (...).

Os meus tios (penso que está a referir a [D. Joaquina Emília Augusta de Melo Queiroz](#), casada com seu primo, [Dr. José Ferreira Seco de Figueiredo e Queiroz Júnior](#)) viviam muito bem, recebiam todas as noites e tinham muitos hóspedes, ele era como meu pai, muito político e além disso um bom advogado. Uma vez que o **Rev. Bispo Conde** foi a Penacova, almoçou lá em casa e deram-lhe uma chanfana na caçõila e colher de pau, meu pai que também estava explicou o caso e o rev. Bispo achou imensa graça e nunca mais se esqueceu. A minha tia sabia receber muito bem, era muito prendada e era muito atraente a conversar. Foi educada no colégio das Urselinas, quando este era ainda em Pereira do Campo mudando a casa mais tarde para Coimbra, onde funcionou até a implantação da República. A [tia Joaquina](#) tinha 5 papagaios, todos lindos mas péssimos e um cão muito engraçado mas também bastante mau. Era branco, peludo, pequenino, parecia uma bola, chamava-se leãozinho. [Meu irmão Henrique](#) quando o apanhava no cimo da escada, empurrava-o e ele lá ia a rebolar, ficava terrível. [Meu irmão Fernando](#) aprendeu logo de pequeno a montar a cavalo com o [tio José Ferreira](#) que era um bom cavaleiro. Tinha sempre dois lindos cavalos, um para ele, outro para a mulher que também montava bem e era neste que o Fernando saía com o tio. Estes senhores de Penacova tinham casa também em Poiares, Santo André, agora Vila Nova e iam lá todas as semanas, principalmente à segunda-feira, dia da feira.

Estou a escrever coisas que podem não interessar, mas se as omitir, não ficarão sabendo a vida destes parentes. Meu pai queria-lhes muito, minha mãe nem por isso. Achava-os muito gastadores e portanto com feitio muito diferente do dela que era toda financeira e económica. Nós todos os 3, éramos amigos deles, principalmente o Fernando. [Meu tio, que era deputado](#), ao regressar de Lisboa, trazia-nos sempre muitas prendas bonitas, nunca se esquecia de nós. O Fernando, quando chegou aos seus 8 anos, teve de deixar mais Penacova para em Coimbra começar a estudar a sério. Ia a mestra a casa das senhoras

Inácias na rua de sub-ripas (...) ainda o prédio muito antigo. Estas senhoras Inácias eram assim conhecidas por serem irmãs dum hábil cirurgião que havia em Coimbra, chamado Dr. Inácio. Era engraçadíssimo e um grande amigo de meu pai, que com ele, o Dr. Quadro de Coimbra também e outros que não me lembro, faziam grandes patuscadas.

FIM